

Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

Março de 1992

Nº. 3

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livreria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.

Gustaf Oström, o Jardineiro

Não faz muito tempo abri o velho álbum de fotografias da nossa família, já um tanto desconjuntado pela inclemência dos anos e do clima, procurando uns instantâneos tirados nos anos 1939-40, não me recordo mais o motivo. Percorrendo uma página toda de fotos de crianças, meus irmãos e eu (!), algumas com avós e tias, surge entre elas uma diferente, mas tão familiar que não era estranho estar lá. Como no Túnel do Tempo, mas em pensamentos, estava eu junto ao Herr Oström, seu filho e minha irmã, esta tão desimportante para mim naqueles tempos, com seu cachorrinho de pelúcia ao colo. Era no quintal de nossa casa; lá no fundo está a jaboticabeira, em cujos galhos empoleirávamo-nos no verão, tempo de jaboticada.

Herr Oström, sueco, tinha uma presença suave, irradiando confiança de seus olhos azuis. Como chegou em Blumenau, não sei ao certo. De trechos de conversas dos adultos, restam-me algumas lembranças e delas deduzo que, tendo chegado da Suécia, fora cocheiro da família Hering, lá pela virada do século passado, quando as carruagens ainda eram o transporte moderno. Suas atribuições permitiam-lhe tempo para se dedicar à jardinagem na residência, o que parece ter despertado nele sua verdadeira vocação. Com o aparecimento do automóvel seus serviços foram sendo dispensados; na jardinagem já havia o pessoal efetivo, os serviços de um cocheiro tornaram-se supérfluos. De uma forma desconhecida para mim, passou a ocupar uma casa no começo da Garcia, com espaço suficiente para um razoável horto de plantas ornamentais e frutíferas. Foi nessa época, então, que o conheci. Famos de carro de molas contratado para a viagem de ida, espera e volta, até seu horto, onde morava numa casa de madeira pintada de verde, com janelas brancas, ele, sua esposa e dois filhos. Se não me engano, o mais velho logo em seguida casou e foi morar noutra lugar. Sua esposa, Deus a havia privado do espírito, ainda em vida. Herr Oström desculpava-se pela conversa desconexa dela, mostrando, entretanto, afeição e carinho para com ela.

Ele era alto, magro, porém forte e rijo; cabelos pretos grisalhos, olhos azuis pequenos. Sua fala era lenta, hesitante e com um sotaque agradável ao ouvido. Parecia sempre desculpar-se por sua presença desajeitada e franca. Mas quando falava das plantas era com entusiasmo e demonstrava conhecimento de como lidar com elas. Seu filho mais velho, não sei se alguém ouviu alguma vez seu nome, todos o chamavam de Sohn (filho), como era apresentado e chamado por seu pai. Velho costume sueco, o filho primogênito é o Sohn, de onde se derivam tantos nomes nórdicos, no caso seria Gustafson, filho de Gustaf Oström. Em algumas ocasiões realizou trabalhos de pedreiro e carpinteiro em nossa casa e jardim, como foi por ocasião da foto onde aparece ao lado do pai. Deixou este mundo por sua vontade própria, confirmando talvez a paradoxal saga sueca nestas estatísticas.

Seu filho mais moço era o Arno, companheiro de minha idade. Divertiamos-nos, muitas vezes "ajudando" nos trabalhos no jardim, com pá, ancinho e chubkarre (carrinho-de-mão), dos quais tínhamos em tamanho pequeno. Lembro-me de um aniversário meu, para o qual o Arno fora convidado e trouxe o presente que centralizou a atenção de toda a meninada. Uma lancha pequena em folha de metal, estampada, na qual se colocava álcool em um recipiente e, aceso, propulsionava-a na água, imitando o ruído de um motor. Foi a conta, a banheira foi enchida; álcool e fósforos circulavam de mão em mão. Não houve sossego enquanto minha mãe e minha tia não confiscassem todo o material, inclusive a lancha, terminando com a farra. O banheiro encontrava-se numa lastimosa inundação. Guardo uma recordação amena e agradável do Arno, sempre associada com a do Herr Oström, pois ele herdara a serenidade do pai e a delicadeza dos traços da mãe.

Gustaf Oström tinha uma formação sólida de cidadania e de patriotismo, como das pessoas das regiões nórdicas da Europa, de onde veio. Na tarde de 16 de junho, cada ano, um Oström diferente aparecia em nossa casa. Terno de brim, gravata, chapéu e um ramo de flores ou alguma planta de vaso. Sempre era de tardinha, pelas 19 horas. Perguntava por minha avó, que já antecipara essa visita. Sentavam-se à mesa na saleta de minha avó, mamãe e minha tia acompanhando, onde era servido um café com torta e cuca. Mais tarde vim a saber que o pequeno ritual nessa mesma data, era para comemorar o aniversário do rei Gustavo V, da Suécia. Nossa ascendência materna sueca era o traço de afinidade nessa homenagem em terra tão distante, porém inesquecível para umas poucas pessoas em Blumenau, naqueles tempos em que Pátria, Fidelidade, Memória, tinham mais valor do que hoje. Sinto não ter participado e compreendido o significado daquelas poucas horas, naquela época.

O jardim de nossa casa era conhecido e admirado devido a dedicação diária de minha avó, Frau Boehm, e as renovações periódicas feitas por Herr Oström. Ele aparecia na véspera, combinava-se os detalhes: os canteiros das dalias, das roseiras, das begônias, as trepadeiras e os arbustos, até os gramados para corar a roupa eram aparados com a zenza. Herr Oström revirava a terra dos canteiros com a pá reta, carregava inúmeros carrinhos-de-mão de composto da composteira do fundo do galinheiro (onde tirávamos as minhocas graúdas para a pescaria). Na hora do Frühstück (merenda) sentava-se num banco do jardim e nós recebíamos também fatias de pão-de-casa e café com leite numa garrafa, igual ao que Herr Oström trazia de casa em sua sacola.

Depois de pronto o jardim, minha avó passava a cuidar dele, levantando-se de madrugada e trabalhando até clarear o dia. Certa vez ela me convidou para levantar cedo com ela e apreciarmos um cometa de visita à Terra e que era bem visível nas horas matinais. Ainda me lembro dele, por cima do telhado da casa do Dr. Melro, amarelo brilhante, esbranquiçando até sumir com o levantar do sol.

Sai de Blumenau, perdi o contato com seu povo. Em algum dia então, Herr Oström deve ter nos deixado para sempre. Não sei

quando, nem onde, isto também não importa mais muito; sua lembrança viva ficou; e onde quer que ele esteja agora, de uma coisa estou certo, estará sorrindo para um lindo jardim, obra de seu trabalho, cuja recompensa será nossa recordação dele pelo exemplo de cidadão e amigo que foi para os que o conheceram aqui na Terra.

Sua fotografia continuará lá no velho álbum desconjuntado, onde minha mãe a colocou entre as fotos de seus filhos, como parte da família. Nela aparece Herr Oström, seu filho "Sohn" e minha irmã Gred, cuja idade me permite determinar a época da foto entre 1940 a 41.

Knut Ervald Koster Mueller

DE JACOBS AOS FRANCISCANOS: 100 ANOS

Pe. Antônio Francisco Bohn

A vasta população do Vale do Itajaí recorda neste memorável dia 13 de março de 1992, os 100 anos de chegada dos franciscanos a Blumenau.

Depois de inúmeros e relevantes serviços prestados à comunidade católica do Vale, especialmente de Blumenau, chegara o momento do Pe. José Maria Jacobs deixar a Paróquia São Paulo Apóstolo. Vocacionado para a vida religiosa, ingressara na Congregação dos Padres do Santíssimo Redentor (Redentoristas). Transferindo-se da Alemanha para os Estados Unidos, ordenou-se na catedral de Baltimore em 23 de dezembro de 1856. Vindo ao Brasil em maio de 1876, assumiu a 16 de setembro a direção espiritual dos católicos de Blumenau como primeiro pároco da recém-criada Paróquia, instalada em junho de 1878.

Não obstante haver-se transferido para o clero secular, não descurou Pe. Jacobs das orientações de formação, cuja prioridade era a instrução do povo. Assim, enquanto esteve na direção da Paróquia fez jus aos seus propósitos, além de organizar a vida paroquial: na

construção de capelas, no atendimento regular da população, na administração dos sacramentos, nas visitas periódicas que empreendia às mais longínquas comunidades, na criação e direção do Colégio São Paulo.

Com a saúde bastante combalida e sonhando com o regresso à sua terra natal, depois de tantos infatigáveis anos de apostolado na paróquia, inicia os acertos necessários e imprescindíveis com os frades franciscanos alemães, os quais pretendiam fundar um convento em Teresópolis.

Feitos os acertos necessários através de Fr. Amando Bahlmann, que estivera em Blumenau a convite do Pe. Jacobs pregando missões, os religiosos da Ordem dos frades menores aceitaram a incumbência do novo trabalho apostólico e, a exatamente 100 anos atrás chegaram a Blumenau, os filhos de São Francisco. Eram três os primeiros franciscanos: Fr. Amando Bahlmann, Fr. Zeno Wallbroehl (depois nomeado pároco) e Fr. Lucínio Korte (vigário paroquial).

Chegavam então no Vale do Itajaí trazendo a mensagem de Paz

é Bem é com a grandiosa tarefa de continuar os trabalhos no apostolado e na educação iniciados pelo Pe. José Maria Jacobs. Nessa época, eram treze as capelas que estavam sob a responsabilidade da paróquia: 1) Capela de Santo Ambrósio, 2) Capela de São Bonifácio (Encano), 3) Capela São José (Guaricanas), 4) Capela de Sant' Ana (Aquidban, Ribeirão da Neisse), 5) Capela de S. M. Magdalena e Nossa Senhora do Caravaggio (estrada dos Pomeranos), 6) Capela de Santo Estanislau (caminho das Areias), 7) Capela da B.V.M. Dolorosa (Rodeio I), 8) Capela da B.A.V. Imaculada e São José (Rio dos Cedros), 9) Capela de São Virgílio (Rodeio II), 10) Capela do Sagrado Coração de Jesus (Caminho dos Tiroleses), 11) Capela de Santo Antônio (Pommerstrasse), 12) Capela de São Francisco Xavier (Rio Morto), 13) Capela de São Ludgero (Nova Westfália).

Os padres franciscanos, recebendo a grandiosa, mas difícil herança legada pelo Pe. Jacobs, empreenderam novos trabalhos. No ano seguinte, vieram Fr. Solano Schmitt, Fr. Bertoldo Bigge e Fr. Cesário Elpel, estes dois últimos professores formados, para lecionar no Colégio São Paulo, obra esta iniciada pelo Pe. Jacobs em 16.01.1877, posteriormente denominado Colégio Santo Antônio.

Além dos trabalhos na educação, os franciscanos instalaram novas capelas pelo interior e estenderam a jurisdição paroquial até Jaraguá do Sul e arredores (1894), em Gaspar (1895), após a morte do Pe. Matz, em Indaial (1896) com a construção da capela de Santa Inês, toda a região da colônia de Luiz Alves e toda a região de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros. De fato, a chegada dos imigrantes

italianos, em 1875, localizados em Rodeio e suas redondezas, veio trazer um grande aumento da população católica da colônia, levando os frades, assim que assumiram a direção dos trabalhos religiosos a construir ali uma casa da Ordem, seminário e noviciado.

Enfim, sabemos pela história que não foram poucas as comunidades, capelas e matrizes atendidas pelos padres e religiosos franciscanos. As atuais paróquias de nossa região tiveram, no início, o grande trabalho missionário e evangelizador dos filhos de São Francisco que, ao longo destes anos todos, continuam seu ardor e entusiasmo pela causa do evangelho.

Nestes 100 anos de história, dezenas e dezenas de religiosos e sacerdotes da Ordem dos Frades Menores deram suas vidas em prol do desenvolvimento espiritual, educacional e, porque não dizer, também material das cidades de nossa região. São inúmeras as igrejas, capelas e obras edificadas ao longo destes anos, algumas como verdadeiros «monumentos» de arte como a matriz de Blumenau, a de Gaspar, a de Indaial, Rodeio e tantas outras.

Na evangelização e na dilatação do evangelho, não foram poucos os trabalhos empreendidos pelos párcos e vigários franciscanos, muitos perpetuados em lugares públicos e na memória de muitos. Em suas funções e trabalhos apostólicos não mediram esforços para manter viva e eficaz a chama da fé, ministrando sólida formação doutrinal, amor à Igreja, formadores da moral e dos bons costumes. Além disso, na administração dos sacramentos: batizados, casamentos, exéquias, visitas aos enfermos, viáticos, confissões, comunhões.

Por vezes, com penosos sacrifícios, sujeitos às intempéries da natureza, nem sempre por caminhos e estradas adequadas.

Guiados pelo ideal primeiro do fundador da Ordem, São Francisco de Assis, seus filhos em terras do Vale do Itajaí, souberam trazer ao longo destes anos todos, um exemplo de fidelidade à Igreja, edificação e reconstrução de igrejas, capelas e oratórios, simplicidade, abnegação, disponibilidade. Foram e são tantos os membros leigos da Ordem Franciscana Secular. Também inúmeros vocacionados da região que, motivados pelo bom exemplo e dedicação dos frades, ingressaram na Ordem dos Frades Menores e, desempenharam e desempenham funções de destaque na Igreja do Brasil, alguns dos quais chegando à dignidade episcopal: Dom Daniel Hostins, Dom Quirino Schmitz, Dom Carlos Schmitt.

De igual forma, o trabalho educacional desempenhado pelos franciscanos no Colégio Santo Antônio, mereceu e merece a maior estima de tantos quantos em nossa região e mesmo fora dela, passaram pelos seus bancos escolares. Desde o início, pode-se bem compreender a preocupação dos frades pela qualidade do ensino: língua e literatura portuguesas, língua e literatura alemãs, geografia, história geral e do Brasil, história natural, desenho, matemática, contabilidade, canto e religião. Também piano, violino, inglês, francês, latim, grego e trabalhos manuais para moças e rapazes. O Colégio satisfazia, assim, os anseios dos pais, desejosos de dar aos seus filhos um ensino sólido e avançado.

Aos franciscanos, do passado e do presente, nesta história de 100 anos, o agradecimento de toda a

população blumenauense é, por extensão, de todo o Vale do Itajaí. Neste importantíssimo marco histórico, possa refulgir com destaque e solenidade a tão antiga e sempre saudação franciscana de Paz e Bem.

Às páginas 42-44 do 1º. livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo, encontramos também a Escritura de entrega e doação e de contrato celebrado entre o Rev. mo Pe. José Maria Jacobs e os padres franciscanos:

«No ano de mil oitocentos e noventa e dois, aos 22 de maio, nós abaixo assinados temos discutido, bem ponderado e feito a convenção seguinte:

§ 1 — Eu, o Pe. José Maria Jacobs, até agora Pároco de Blumenau, entrego hoje, com consentimento do Reverendíssimo Senhor Bispo, à Ordem de São Francisco, e em substituição dela aos reverendos padres Zeno e Lucínio, a minha Paróquia, junto com o que meus paroquianos nesta Vila possuem de bens de culto divino, a saber: a igreja, a casa paroquial, a casa velha da antiga capela, o cemitério e o terreno da Igreja e do pároco, com o mapa oficialmente legalizado; e mais entrego-lhe todas as capelas com seus terrenos e cemitérios das comunidades de capelas que pertencem a esta Paróquia.

§ 2 — A comunidade paroquial, bem como a cada uma das comunidades de capela d'aquí, eu dou de presente todos os utensílios e objetos de culto existentes nas suas relativas casas de Deus, os quais por mim foram comprados e pagos, entregando igualmente os mesmos, assim como todos os outros que além destes existem, aos

ditos reverendos padres e juntan-
do-lhes uma cópia do relativo in-
ventário da igreja matriz que a
pouco por mim foi feito.

§ 3 — Entregando o meu ins-
tituto escolar e de educação, o Co-
légio São Paulo à mesma Ordem
de São Francisco, i. é, aos ditos
reverendos padres faço-lhes a ir-
revogável doação de todos os edifi-
cios que, à minha custa, no terreno
paroquial mandei construir, a sa-
ber: a nova e velha casa de es-
cola com todos os bancos, cadeiras
e as armações de cama para os a-
lunos, a cozinha, as estrebarias, os
ranchos, a casa de jogo de bola,
etc., etc... e mais:

§ 4 — Faço à mesma Ordem a
igual doação de todos e quaisquer
benfeitorias, plantações e cerca-
dos que no terreno paroquial te-
nho feito.

§ 5 — O meu lote de terra que
se confronta com o da Paróquia (o
qual d'antes era de Bugmann) e as
plantações que nele se acham, en-
trego grátis ao incontestável usu-
fruto dos mesmos reverendos Se-
nhores Padres, pelo tempo até que
terei disposto sobre ele de outro
modo.

§ 6 — Mediante uma certa in-
denização por parte dos mesmos
reverendos Padres, eu ponho nas
mãos deles todos os meus bens
móveis e removentes de casa, co-
zinha, adega, e de economia, os
animais, carros, livros, material de
escola, etc., em breve, todas as mi-
nhas coisas e objetos que se acham
especificados sob I-VII no catálogo
anexo.

§ 7 — Nós, os Padres Zeno e
Lucínio, como representantes da
nossa sagrada Ordem, aceitamos

com gratidão todas as entregas e
doações acima sob os § 1.2.3.4.
e 5. denotadas e a nós feitas pelo
Rev.mo Sr. Pe. José Maria
Jacobs, declaramos terem sido
elas efetuadas hoje e passamos
recibo disso.

§ 8 — Nós tomamos posse
dos objetos, nomeados no n.º. 6 e
obrigamo-nos a pagar ao Rev. Pe.
Jacobs de indenização e em con-
formidade com sua futura ordem,
agora Um Conto, depois de um
ano, Um Conto e quinhentos Mil
e, depois de dois anos, Um Conto
de Réis, isto é, por tudo Três Con-
tos e quinhentos mil Réis.

§ 9 — E mais prometemos a
continuar por sempre com o colé-
gio, como instituto preparatório pa-
ra a primeira comunhão, como es-
cola elementar e civil.

§ 10 — Finalmente obrigamo-
nos a celebrar anualmente dois
«Requiens» para as almas dos fi-
nados Nicolau Deschamps e sua
mulher Catarina, nascida Eich, em
virtude de um legado, feito pelo di-
to finado a esta Igreja Matriz.

Em fé de que assinamos a es-
critura da sobredita Convenção em
três exemplares de um só teor cujo
um exemplar se escreveu em por-
tuguês e os outros dois em ale-
mão.

Blumenau, aos 22 de maio de
1892.

Pe. José Maria Jacobs,
Vigário

Pe. Zeno Wallbroehl
Pe. Lucínio Korte

Como testemunhas:
Dr. Wigando Engelke
Francisco Frankenberger».

UMA PROPOSTA ESDRÚXULA

Entre as muitas idéias exdrúxulas que pululam por aí, algumas não merecem mais que um sorriso complacente, outras irritam pela falta de senso ou pelo absurdo que contêm. Algumas, no entanto, passam dos limites e precisam ser repelidas de pronto porque são contrárias aos interesses do País e a tolerância com elas só pode ter consequências as mais negativas. Uma destas é a proposta de alguns desvairados que vêm pregando a separação do Rio Grande do Sul e Santa Catarina do restante do Brasil para constituírem um novo país. Trata-se de uma das mais aberrantes idéias já sustentadas e que não tem qualquer razão de ser. Enclausurados em seu mundinho provinciano, com horizontes que terminam nos limites do perímetro urbano, eles revelam total desconhecimento do que seja o Brasil como país e sua presença no mundo de hoje. Espremidos na estreiteza de mofados bairrismos regionalistas, faltou-lhes a visão integral de um dos mais belos exemplos de unidade nacional existente, além de revelarem um componente freudiano decorrente da sua incapacidade de afirmação nacional num país grande como o nosso. Num país resumido talvez fosse mais fácil.

Um dos maiores países com território unitário do mundo, a unidade brasileira é um milagre histórico que desafia os estudiosos e que só se explica pela força da língua portuguesa, falada em todos os recantos, com sotaques e entonações diversas, regionalismos e expressões locais, mas basicamente a mesma, inteligível e clara, a nos aproximar dos irmãos das mais remotas distâncias e a nos fazer pulsar pelos mesmos objetivos.

Além disso, são a vastidão e a variedade deste país-continente que despertam a eterna cobiça dos outros. A variedade de nossas riquezas, ainda que muitas delas sejam desbaratadas, de nossas paisagens, climas, recursos, artes e tudo o mais, faz do Brasil um país único, inigualável, sem paralelo, onde a monotonia não existe e o tédio só pode acometer aos pobres de espírito. O modo de ser do brasileiro, sua maneira de viver e agir, sua inata criatividade, humor, "nonchalance", são outros tantos motivos do ciúme e muitas vezes da incompreensão dos que nos querem enquadrar à força em modelos ou fôrmas estrangeiras, em geral europeus. Como dizia Gilberto Amado, o Brasil é um país "sui generis", sem similar no mundo e na história, comprovando a falsidade das teorias que afirmavam ser impossível uma civilização autêntica nestes trópicos. Por isso mesmo não pode o Brasil ser comparado uma vez que é impossível comparar coisas de gêneros diversos.

E se isso tudo não bastasse, existe o aspecto psicológico. Não acreditavam, com certeza, esses desvairados, separatistas que eles próprios seriam os mesmos após a separação. Existe uma diferença pro-

funda, substancial, entre a pessoa nascida num grande ou num diminuto país, onde as fronteiras estão a um passo, reduzindo os espaços, comprimindo os habitantes, opressoras e sufocantes. A consciência de ser filho de um país continental se integra, desde a infância, à personalidade do cidadão, refletindo-se no conjunto do povo. Uma coisa é nascer no Brasil, outra é vir ao mundo nessas nações diminutas onde o vizinho espia a olho nu por cima das fronteiras, tal como ocorreria nesse arremedo de país que eles pretendem criar. Deveriam ler muito a respeito, inclusive Gilberto Amado, um brasileiro que viveu longos anos nesses países que às vezes nem passam de ficção.

O Brasil é um patrimônio de todos, um bem comum que nos cabe preservar intacto. Muito custou a nossos antepassados e a nós mesmos. Dificuldades, maiores ou menores, todos os países têm, mas nem por isso andam aí a se dividirem, mesmo porque isso está longe de ser solução. E de minha parte, para concluir, não quero e não pretendo, de forma alguma, deixar de ser brasileiro para ser um ente sem expressão no país de faz-de-conta que nos querem impingir.

VARIADAS

O catarinense Deonísio da Silva, natural de Siderópolis, professor da Universidade de São Carlos (SP), acaba de receber o prêmio para romance da Casa de Las Americas, de Cuba, ao qual concorreu com "Avante soldados: para trás", que tem como pano de fundo o episódio histórico da retirada da Laguna, acontecido durante a Guerra do Paraguai. Ele concorreu com cerca de duzentos outros originais em português e a comissão julgadora foi presidida pelo escritor português José Saramago.

Essa é a melhor notícia que pode dar este ano nesta coluna. Ao mesmo tempo em que felicito efusivamente o romancista conterrâneo, espero que o prêmio conquistado lhe dê daqui para a frente o destaque que seu talento merece.

Está circulando mais um número — o 12º. — da revista "A Figueira", editada pelo grupo do mesmo nome, de Florianópolis, tendo como fundador e editor o poeta Abel B. Pereira. Este número, com quantidade acrescida de páginas, contém poemas, crônicas, efemérides, notícias e comentários sobre temas literários e culturais.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina realizou sessão solene, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, no último dia 6 de março, para inaugurar o seu ano acadêmico. Foi lembrado na ocasião, com muita justiça, o centenário de nascimento do Prof. Altino Flores, educador, escritor e crítico dos mais combativos e eruditos, autor do livro "Sondagens Literárias", entre outros, e cuja influência foi marcante na literatura do Estado na sua época.

O poeta catarinense Dinivaldo Gilioli lançou em Curitiba, nas dependências da Casa Romário Martins no simpático Largo da Ordem, seu novo livro de poemas intitulado "Hálito de Água". O lançamento foi um sucesso, a poesia agradou e a imprensa do Paraná comentou com destaque o evento.

A Fundação Catarinense de Cultura pretende lançar em breve dois novos fascículos na série "Escritores Catarinenses — Resgate", o primeiro deles a respeito de Cruz e Sousa. Está batalhando também para reativar o Concurso Literário que leva o nome do poeta e que está desativado há vários anos. Torcemos para que tenha sucesso.

Está de parabéns o jornalista Altair Carlos Pimpão pelo programa de entrevistas que vem apresentando através da Rádio Unisul. É um espaço que tem sido usado com inteligência por ele para divulgar as coisas da cultura e as pessoas que com ela se relacionam. Também a equipe da emissora e seu diretor, Carlos Alberto Ross, merecem felicitações, incluindo-se, naturalmente, as figuras simpáticas do Danilo e da Salete. Esperamos que o espaço se consolide e perdure.

Objetos históricos de G. Arthur Koehler doados à Fundação

Na reunião realizada pelo Conselho Curador no dia 26 de novembro de 1991, compareceu a Sra. Herta Hildebrand que, acompanhada pelo ex-conselheiro sr. Ernesto Stodieck Jr., fez entrega ao Presidente do Conselho, sr. Frank Graf, para que fosse depositados no Museu da Família Colonial, alguns objetos que pertenceram a seu pai, o saudoso cidadão G. Arthur Koehler, fundador da Tipografia e Livraria Blumenauense S/A. e do jornal em língua alemã "Der Urwaldsbote"

Os objetos entregues pela sra. Herta Hildebrand constam de: Dois medalhões, sendo um de cera e um fundido em bronze. Uma comenda, que fora concedida a seu pai pelo então Rei da Saxônia, quando de sua visita a Blumenau em 1927. E ainda um alfinete de lapela, com um emblema.

Trata-se de objetos de valor histórico que sempre foram conservados com muito carinho tanto pelo sr. G. Arthur Koehler como por sua filha dona Herta, durante todos estes anos.

Agradecendo a gentileza da doação, o presidente do Conselho, sr. Frank Graf, afirmou que todos estes objetos históricos ora doados, seriam entregues à chefia de Divisão Histórica para que fossem classificados e depositados no Museu da Família Colonial para poderem ser apreciados pelos visitantes daquela casa.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

A IMPLANTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA E O APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS DE ASCURRA.

ENCHENTE DE 1911.

ELEITO O PRIMEIRO CONSELHEIRO MUNICIPAL DE ASCURRA.

ATÍLIO ZONTA

A Estrada de Ferro Santa Catarina, implantada e em pleno funcionamento, representando desde então, o traço de união dos sentimentos e dos interesses das diversas regiões ligadas, fazendo após a sua inauguração o percurso, BLUMENAU/HANSA (hoje Ibirama), de manhã e à tarde diariamente, abolindo as penosas caminhadas primitivas, sem as peripécias cruentas dos caminhos agrestes consumindo um grande tempo, vencia a natureza com conforto, com rapidez, com segurança em busca de melhoria da própria vida. Os benefícios desta ferrovia se fizeram sentir desde o início de sua construção, porquanto, os primeiros imigrantes instalados ao longo do traçado, vivendo em estado de pobreza, foram contratados para fornecerem materiais que seriam empregados nesta extraordinária obra, mas principalmente, travessas de madeira, ou seja, dormentes serrados ou falquejados, sobre os quais seriam fixados os trilhos, possibilitando a essa gente necessitada, um verdadeiro surgimento financeiro para a conquista de outros planos. Além do mais, a ferrovia trouxe extraordinário incremento à imigração para Ascurra, Rodeio e Rio dos Cedros, localidades essas, habitadas quase exclusivamente por famílias procedentes da Itália. Esses imigrantes povoaram

nessa ocasião a chamada «Colônia de Italianos», a qual, abrangia os pequenos povoados acima mencionados. Eram famílias constituídas de gente pobre, mas ativa e, acima de tudo, ordeira e trabalhadora, adaptando-se de imediato às condições de vida que encontraram junto de seus compatriotas. A Ferrovia como único meio de transporte nesse período, proporcionara inúmeras vantagens, particularmente, no escoamento dos produtos das colônias. Era, pois, executado com mais rapidez para os centros consumidores, não obstante, as grandes quantidades.

As madeiras extraídas das matas virgens situadas principalmente nas encostas da Serra do Mar, ou mais precisamente, nos fundos da Saxônia, Oitenta e Guaricanas, onde a Colônia tem as nascentes dos principais cursos d'água, quais os do Ribeirão São Paulo, Val Nova e Guaricanas, além de suprirem à necessidade da região na construção e melhoria de casas e ranchos, eram também, comercializadas em Blumenau, Itajaí e, em grande quantidade, através de firmas idôneas, para centros de outros Estados. Embarcavam-nas nas Colônias com destino a Blumenau e daí, para Itajaí por via fluvial e por meio do vapor Progresso, pertencente à Companhia de Navegação Itajaí/Blume-

nau, cujo porto ficava situado na confluência do rio desse nome com o Oceano.

O cultivo dos primeiros arrozais em solos nivelados ou seja, planos, e irrigados através de córregos que desciam das montanhas mais próximas cujas águas lhes traziam o humo para fecundá-los, atraíam de modo intenso, os italianos dispersos e instalados em terrenos ondulados. Das planícies foram formadas as quadras dos arrozais; os terrenos salientes destinavam-nos às pastagens, e os mais íngremes, às culturas de milho, feijão e cana de açúcar.

Nos idos de 1911, toda a região do Vale do Itajaí-Açu foi prejudicada, mais uma vez, por uma enchente de proporções consideráveis, idêntica da que ocorrera na década de 1880. As águas do Itajaí transbordaram, invadindo e destruindo com sua violência, casas, ranchos e currais, desvastando lavouras e levando quase à ruína e à desolação centenas de famílias. O pânico, como era natural, dominou os colonos que os fizera abandonar suas casas. A Colônia de Ascurra fôra duramente atingida por esse acontecimento deplo-rável e funesto. As famílias residentes próximo às margens do rio, sofreram mais intensamente os horrores da tragédia. Entretanto, a solidariedade humana fez-se presente de imediato, vindo em socorro das vítimas, nesses dias de desolação. Muitos moradores aí atingidos, aos poucos foram reconstruindo suas moradias, refazendo suas plantações, e a maioria deles, em pouco menos de dois anos recuperou os prejuízos por meio de algo que lhe sobrara, através da obtenção de melhores preços na comercialização de seus produtos. Os danos foram realmente enor-

mes, mas o auxílio recíproco foi de véras eficaz, superando em tudo, a difícil situação de penúria em que ficara essa pobre gente. O Superintendente do município de Blumenau, Alvin Schrader, reeleito para o quadriênio 1911/1915, prestou relevante assistência às famílias flageladas. Após essa série de acontecimentos desastrosos e durante o tempo de reconstrução das propriedades danificadas, surgia o sol em toda a sua beleza no horizonte, imprimindo a todos graça, ânimo e vigor. Os italianos reanimados entoavam aquelas lindas canções vinculadas às raízes do país em que nasceram, ressoando pelas planícies, indo os ecos quebrarem-se nos contrafortes dos belos montes de uma verdura inconfundível, que circundam a povoação. Melodiavam com ênfase o festivo canto «Itália sei bella, giardino, giardino del mondo», para relembrarem os anos passados de uma Itália distante.

A principal via para cavaleiros e tropas e, precariamente, para o trânsito de transporte de pessoas em carriolas, e de mercadorias em brúacas sobre bestas em toda a colonização do Vale do Itajaí, foi aberta pela margem direita do rio do mesmo nome, ainda no último decênio do século passado, quase paralela ao trassado onde seria construída a Estrada de Ferro, por trilhas inseguras que em longos períodos de chuva, se transformavam em verdadeiro lodaçal, tornando os trechos íngremes, escorregadios e impraticáveis. E os colonos de Ascurra para alcançarem a pé ou cavalgados, faziam a travessia desse rio em épocas normais com balsa, e em canoas, quando em tempos chuvosos as águas ameaçavam subir e transbordar. Todavia, a economia de Ascurra se assentava

sempre mais em bases sólidas, garantidoras de um futuro esperançoso. Nesse tempo, tendo em vista a grande procura de madeiras serradas, pequenos engenhos de serrar começaram a surgir prestando assinalado concurso ao progresso que, não obstante lento, aumentava e se expandia à medida que os meses passavam.

A partir de 1916. Paulo Zimmermann, agrimensor prático na abertura de trilhas e caminhos, pessoa benquista por expressiva maioria dos eleitores, foi eleito sucessor de Schrader para o quadriênio de 1915 a 1919, bem como, o ascurrense Pedro Bonetti, para o Conselho Municipal, com o apoio incontestado dos velhos amigos e correligionários, Alexandre Zonta «o bibi» ex-inspetor de quarteirão, João Finardi, Carlos Dalfovo, comerciante, Giovanni Possamai, Michelle Poffo, e do cunhado Felice Viviani e com o do Professor Luiz Isolani, todos propugnadores do progresso local e sempre militando no mesmo campo político e ideológico, filiando-se em todo o tempo

à mesma orientação. Bonetti, durante o seu mandato contava, também, com a preciosa colaboração do primeiro diretor do curato. Padre Ângelo Alberti, na elaboração de Projetos de Lei, bem como, de proposições que seriam submetidas à apreciação do Conselho Municipal, durante as sessões legislativas.

Teve uma brilhante atuação na representação da terra de Ascurra e da sua gente, e sempre se esforçou pelo aceleração das obras por ele conseguidas, como teremos a oportunidade de abordar nos próximos capítulos.

Nos próximos números de «Blumenau em Cadernos» apresentaremos:

Eleição do 2º. Conselheiro Municipal;

Criação do Distrito Administrativo de Ascurra;

Atuação brilhante da comunidade do Padre Ângelo Alberti; Nome dado à primeira e principal rua de Ascurra, e Luiz Isolani 1º. Intendente Distrital de Ascurra.

DIÓGENES

Ad. B. Schneider — Joinville

Todos os povos antigos têm as suas lendas. Assim, os nossos índios nos contam a sua lenda do boi-tatá e também a lenda de bela Jacy, que, transformada em lua, se espelha de noite nas águas claras do Araguaya. Os alemães possuem o seu Barão de Muenchhausen e olhem, a cidade de Muenchhausen nem existe... E os antigos gregos, os da idade de ouro, possuíam os seus irmãos voadores Dédalo e Ícaro, assim como a sua maravilhosa

anedota do Diógenes. Três nomes com acento pré-paroxítono: só podem ser gregos mesmo...

Diógenes era um boa-vida. Não trabalhava e assim mesmo ele vivia. Não vivia bem, mas também não passava mal. E gostava, era do sol. O dia todo deitado na praça principal de Atenas, tomando banho de sol. Até parecia brasileiro na praia de Barra Velha ou de Camboriú. E que tem em abundância, de todos os tamanhos, todas

as cores, todos os sexos, inclusive os «indefinidos».

Mas, também em Atenas, de vez em quando chovia, o que causava aquele aborrecimento ao bom do Diógenes. Como se vê, o problema habitacional, falta de moradias, já existia na antiguidade grega. Quem tinha casa, estava bem. Quem não tinha casa, trabalhava, para dispor do dinheiro necessário, para alugar uma casa. Mas o Diógenes não trabalhava, nem ganhava dinheiro e assim o mesmo não tinha casa em dia de chuva. Mas, todo malandro possui uma veia de sabido. Diógenes deu um jeito: até parecia brasileiro. Havia em Atenas um fabricante de vinho, o qual se viu obrigado a refugar um desses grandes tonéis, nos quais ele guardava o seu vinho, antes de meter o mesmo nas ânforas. É que esse tonel estava vasando. Botou o tonel na calçada, o que significava: «Eu não te quero mais...»

Mas Diógenes viu o tonel na calçada: «Beleza!». Foi lá e rolou o mesmo até a praça principal, onde o colocou em baixo de uma velha figueira, o seu local predileto. Ali o sol batia em cheio. E se deitou no tonel... Já pensaram, mergulhado naquele cheirinho adocicado de vinho velho...

Naquele tempo, Atenas já era reino. O povo ateniense adorava ter rei. Matavam um, mas já escolhiam outro. Ter rei, já naquela época, significava possuir «status» como povo. Ora, «república»... Qualquer povo pode ser república. Mas um povo com rei, é algo fora de série.

E foram contar ao rei, o que se passava na praça principal. Um cara, que nem trabalhava, deitado ao sol e vivendo assim mesmo. Isto o rei deveria conhecer. O caso é, que naquela época, Pedro Álvares

Cabral ainda não havia descoberto o Brasil. Então esse caso de um homem na melhor idade, que não trabalhava e assim mesmo tem casa e vai vivendo, era mesmo um caso fora de série. E foi lá, acompanhado de sua comitiva. Uma turminha, que também não trabalhava e assim mesmo viviam. E como... A mordomia até parece invenção de grego, mas não é, porque a palavra não é pre-paroxítona...

Chegado à casa sem número, na praça principal, e que era o tonel do Diógenes, o rei ficou parado diante do tonel, passando a conversar com Diógenes. Em grego, é lógico. Falaram sobre o tempo, sobre a saúde, sobre os filhos, onde Diógenes confessou, «que não sabia» e outros assuntos banais. Tudo o que se costuma conversar, para despistar do essencial. Por fim o rei se lembrou, que poderia muito bem dar uma demonstração de «rei bom» e perguntou, o que lhe poderia oferecer, como prova de sua benevolência real. Aí Diógenes respondeu:

«Majestade, não me tires, o que não me podes dar...»

O rei ficou pensativo. O que será que este homem me está pedindo? E voltou a perguntar:

«Oh Diógenes, meu súdito leal. O que Você está querendo dizer com esta frase: «Não me tires, o que não me podes dar...»

Aí Diógenes, já tremendo de frio, porque era inverno, retrucou:

«O sol, Majestade, o sol!»

Acontece, que o rei estava parado na boca do tonel, deixando Diógenes na sombra. E como era inverno, o mesmo já começava a sentir frio.

«O sol, Majestade, o sol!»

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 19 DE MARÇO DE 1870:

Dona Francisca. Júbilo pela vitória final da Guerra do Paraguai.

— A notícia da morte de Lopes, com a última derrota do inimigo, chegou à Subdelegacia local, no dia 14 de manhã, enviada oficialmente, pelo Delegado da Circunspeção, espalhou-se como um raio pela Cidade e foi recebida com uma explosão de alegria por toda a população. A luta terminou e os pesados encargos da guerra, que entravavam até agora todo o País, causando a paralisação do comércio e dos meios de comunicação, deixam de existir. Assim o Governo poderá dedicar-se novamente ao fomento das atividades em todos os setores e o progresso, paralisado durante anos, tomará novo impulso. A notícia foi divulgada de casa em casa e, ao anoitecer, todas as residências foram festivamente iluminadas. Uma passeata com lâmpões multicores, precedida por uma banda de música, a Bandeira Brasileira à frente, percorreu todas as ruas, terminando a noite com bailes em dois salões. Infelizmente, a chuva torrencial, que caiu durante o dia e a noite, impediu maiores manifestações de júbilo, pois muitas pessoas preferiram ficar em seus lares.

NOTÍCIA DE 23 DE ABRIL DE 1870:

Dona Francisca. — Na vizinha circunscrição de Barra Velha, os bugres tem aparecido várias vezes na Vila Medeiros, assustando os moradores daquela região. A Presidência incumbiu o comando superior da Guarda Nacional de São Francisco, de enviar um piquete de guardas, para a proteção da população ameaçada.

NOTÍCIA DE 23 DE ABRIL DE 1870:

Antonina, Paraná. — As notícias são alarmantes. A febre amarela grassa com tal intensidade na cidade, que a mesma já está quase despovoada. O médico alemão, Dr. Breithaupt, antigamente radicado em Blumenau, assim como o farmacêutico e um outro médico alemão, Dr. Rechsteiner, já faleceram em consequência dessa moléstia. O médico alemão Dr. Lahife, de Curitiba, foi incumbido pela Presidência de organizar uma equipe de enfermeiros, remunerados pelo Governo. De acordo com as mais recentes notícias, também o Dr. Lahife faleceu no cumprimento do seu dever, vítima da febre amarela.

NOTÍCIA DE 23 DE ABRIL DE 1870:

Dona Francisca. — Há tempos foi enviado um requerimento ao Presidente da Província, da parte do comércio, pleiteando que as mercadorias e os produtos exportáveis sejam despachados diretamente pela Coletoria local. Será uma grande melhora para o comércio joinvilense, pois o despacho realizado em São Francisco traz diversos inconvenientes e grande perda de tempo. Naquela ocasião, o Presidente encaminhou o pedido à Assembléia da Província e agora foi apresentada nova petição à Assembléia Provincial, atualmente reunida.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville

DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

W. J. Wandall

(Continuação)

Adentrando ao terreno do ataque pessoal a respeito da conduta de Bonifácio da Cunha, contra os imigrantes, entra em detalhes familiares, por ser o superintendente blumenauense casado com uma alemã. Fala, ainda, o redator do «Urwaldsbote»: «aqui se rejeita a acusação de nativismo, lá fora ele se cobra desta obrigação incômoda e não dá rédeas aos seus desejos de inimigo dos estrangeiros». Em seguida menciona uma afirmativa do artigo publicado em «O Dia»: «o estrangeiro, como o cabeça da política local, bem como, na direção de jornais políticos é um mal; a eliminação desta liberdade seria uma medida de bons efeitos por parte do governo».

Outros assuntos publicados pelo jornal da capital do Estado são mencionados pelo «Der Urwaldsbote», como a eliminação do ensino do idioma alemão nas escolas públicas, proibição das reminiscências alemãs constantes de «bandeiras», retratos, festas e comemorações» a fim de que prevaleçam os usos e costumes nacionais. E nesta parte das menções do artigo de «O Dia», um ataque à pessoa de Bonifácio da Cunha: «de acordo com meios disponíveis filhas de colonos pobres e que querem se aperfeiçoar em escolas brasileiras, sejam nas artes, literatura ou ciências devem ser apoiadas. (Um verdadeiro nativista, não gosta dos alemães, mas das filhas destes ele gosta)».

Ainda outras alegações cons-

tam da publicação em análise, que conclui com este chamamento: «meus senhores da diretoria do Volksverein! Os senhores não devem recuar, precisam trabalhar para eliminar esta terrível batalha do nativismo. Estas são palavras que um brasileiro escreve ao Volksverein». Assim, inicia-se a dura campanha política em Blumenau, com ressonância em outras localidades catarinenses. E os atritos iam tornando-se mais sérios entre nacionais e estrangeiros.

Entretanto, o que aparentemente parecia ser mais uma acalorada campanha política, extravasou os limites municipais, aparecendo novas publicações jornalísticas sobre o controvertido assunto. O jornal «República» posicionou-se ao lado do «Der Urwaldsbote», publicando em sua primeira página o artigo «Força ou Fraqueza?»

«No órgão oficial do governo do Estado de Santa Catarina, foi publicado no dia 19 de abril um artigo intitulado «Questão de Raça», e foi indicado como autor do mesmo o superintendente de Blumenau, Dr. Bonifácio da Cunha. Como a publicação aconteceu no órgão do governo, achamos que as idéias nele desenvolvidas tiveram os aplausos do governo do Estado o que é altamente deplorável. Em tais assuntos um governo deveria assumir um papel apartidário e agir com precaução, para evitar que certos autores de artigos, que não têm responsabilidade, perturbem

por especulação partidária a tranquilidade pública. Desta forma até as boas relações, podem ser prejudicadas, que o governo da União pretende estabelecer com Nações amigas.

Fazendo uso do direito de cidadãos brasileiros seja lá qual for sua origem, eu protesto, como brasileiro naturalizado, contra as absurdas tendências daquele artigo que — para nossa vergonha seja dito — tem como autor o superintendente do município de Blumenau, que deve ao elemento imigrado o seu progresso e a perseverança.

Na declaração da República serviu aos homens dirigentes, que tinham a responsabilidade pelo bem-estar e progresso de nossa pátria sob a nova forma de governo, a grande República no Norte da América, que se procurava imitar. Eu tenho a certeza que os homens que hoje encabeçam o governo que a criaram, pensam bem diferente do que aquele autor do artigo publicado no «O Dia». Não só usaram como modelo as Instituições políticas dos Estados Unidos, mas também, as grandes qualidades do povo americano. O que diriam os americanos se ali aparecesse uma proposta tão indigna e reacionária como a do Dr. Cunha?

Os Estados Unidos da América do Norte devem sua atual posição à contribuição da imigração alemã. O governo daquele país, reconhece o trabalho deste elemento ordeiro e respeitador das leis, e pouco se importa se os imigrantes sejam lá de que nacionalidade forem, como por exemplo os alemães, conservam seus costumes e idioma. Os alemães fundaram ali cidades onde hoje ainda o idioma alemão tem a primazia, até ergueram ali monumentos a famosos patrícios

em lugares públicos e isto não afeta absolutamente o espírito nacionalista dos americanos. Pois estes só visavam a grandeza de seu país ainda pouco povoado e respeitavam os serviços dos imigrantes como agricultores, industriais e cientistas, sem perguntar de que idioma serviam-se. Aqui no Brasil os Cunha querem que nós também contribuamos com os impostos, mas ao mesmo tempo querem desprezar aqueles que conservam seu idioma pátrio e não lhes permitindo as garantias dos direitos constitucionais.

Uma verdadeira e grande nação não precisa ter auto-confiança e abafar o efervescer energicamente de um tolo nativismo. Nós temos a esperança de que o povo na sua maioria também pensa assim como a nação irmã do norte, e confiantes nisto tomamos posição contra os artigos que são publicados por Bonifácio da Cunha e sua curriola, que são um produto do medo, da fraqueza e da covardia. Tais publicações são até ofensivas ao povo brasileiro pois se este quer progredir para um dia ocupar seu lugar destinado no Conselho das Nações americanas, então o vergonhoso nativismo tem que desaparecer da superfície. — Nós precisamos — e aqui eu chego ao meu objetivo, de uma constante corrente imigratória para provar e cultivar nosso enorme território que é a chave para a futura riqueza de nossa pátria».

Do Sul do Estado, onde em Caiovari, também, formava-se um Volksverein para congregar os imigrantes alemães daquela região, comunicam solidarizarem-se com a atitude do conqênere blumenauense. De Nova Veneza, colônia italiana da região do rio Tubarão, veio uma carta assinada por M. Napoli,

dizendo em um de seus tópicos: «no propósito de estabelecer entre o elemento italiano, uma agitação semelhante como está acontecendo entre os alemães, estou começando a formar uma comissão para este fim e em poucos dias publicaremos um manifesto igual ao do Volksverein.

Nós oferecemos à diretoria do Volksverein a nossa aliança cooperativista. Os mesmos interesses e objetivos levam os alemães e italianos a se unirem e se estes dois elementos unidos e disciplinados um dia comparecerem ao campo de batalha política com o mesmo objetivo e programa, é, sem dúvida, chegado o momento que hoje temos a lamentar». E, por fim, conclui o missivista italiano: «eu desejo que o Volksverein em Blumenau faça o mesmo com meus patrícios ali residentes, em Blumenau, e os esclareça sobre as vantagens que possam resultar disto, se tomarem como exemplo a atitude enérgica do elemento alemão».

Mas, a luta jornalística recrudesce. De uma simples polêmica eleitoral parece estar o assunto descambando para o terreno das diferenças raciais. Outras personalidades são envolvidas nas retratações, conforme notícia o «Der Urwaldsbote» de 11 de maio de 1901. «Como nos é comunicado, os amigos do Dr. Cunha negam de que este senhor seja o autor do artigo «Questão de Raça» no jornal do governo «O Dia». Ao contrário disto nós continuamos a afirmar, pois nossas informações são de fonte segura que isto é verídico.

Além do mais os ataques contra os teuto-brasileiros no «O Dia» continuam. O mesmo titula o redator do «República» como «traidor da pátria» porque este não participa nos ataques contra o Volksve-

rein. E o secretário do Interior do Estado, o senhor Raposo chama o Volksverein, em um telegrama à «Gazeta de Notícias», uma liga antinacionalista! E nós devemos esquecer tudo isto e gritar entusiasmadamente «Hurrah» quando o chefe do Estado aparece? É uma exigência absurda».

Em 18 de maio de 1901 retoma o «Der Urwaldsbote» o assunto polêmico «Questão Racial», trazendo agora a assinatura de Eugen Fouquet. «Considerando interesses justificados», assim afirma o «Blumenauer Zeitung» foi escrito o artigo «Questão de Raça», que nós no nº. 45 de nosso jornal achamos melhor pendurar um pouco mais abaixo. Do ponto de vista de um jacobino, o referido jornal divide, desde que se aproximou do Dr. Cunha, as propostas feitas; talvez se justificam. Mas, nós não vemos o por que de fazer do ponto de vista dos jacobinos, também o nosso, ainda mais quando estão sendo atacados veementemente até os brasileiros natos. O brasileiro consciente condena este ponto de vista e também o governo, que apesar da gritaria nativista colocou na direção do Instituto Bancário Nacional, um alemão, não aceita tal posição. Por que nós devemos ser mais brasileiros do que os próprios brasileiros?»

Em seguida é abordado o desejo do imigrante de participar ativamente da política, mas, tece alguns comentários a respeito do tratamento citado no artigo publicado em «O Dia», de não tolerância do elemento teuto pelos nacionais, inclusive, falando em «jacobinismo brasileiro». Prosseguindo o articulista faz uma análise sobre certas retratações publicadas no «Blumenauer Zeitung» e reitera o objetivo da publicação, causa da polêmica,

que tinha como finalidade criar uma onda de conflitos entre imigrantes e nacionais.

«O artigo 'Questão de Raça' foi escrito por um brasileiro nato, para brasileiros natos, para os quais o imigrado, naturalizado ou não, tem valor de «estranho». Com isto a tendência está marcada. Só queriam, mais uma vez, tentar instigar os luso-brasileiros contra os teuto-brasileiros. Além do mais não é de nosso conhecimento que em Blumenau ou em outro lugar do nosso Estado, estrangeiros encabeçam a política local, isto é: cargos municipais».

A proibição do ensino em alemão nas escolas volta a ser abordado. «Mais adiante: «em nenhum lugar no artigo se fala em proibir o idioma alemão, o que seria uma tolice». Confiável não é. Se podemos acreditar nos nossos olhos, ali está escrito: «a instalação de escolas públicas em idioma estrangeiro deve ser impedido, e aquelas que já existem temos que amargar a vida impondo-lhes dificuldades de toda espécie». E mais ainda: «em escolas subvencionadas pelo governo — as aulas têm que ser ministradas exclusivamente em português! Exclusivamente, isto certamente não quer dizer com exclusão do idioma alemão. Que isto seria uma tolice, concordamos».

O redator do «Der Urwaldsbote» apresenta uma análise de como se criarem escolas para ministração de aulas somente em português. Faltam meios e professores, aproveitando para mencionar duas constatações: «o grito de socorro dos italianos de Urussanga, onde o professor do Estado tem que fazer «acrobacias estomacais» e há oito meses espera por seu pagamento, como o desaparecimento

da escola governamental em Timbó, depois de dois anos de funcionamento...» Por último, transcreve parte de uma matéria publicada por Barbosa Lima, no jornal florianopolitano «O Dia», assim redigida: «Nocivo é ouvir neste país, nos lares, onde não encontramos o docente acento «amo-te, ó mãe querida», mas as ásperas palavras soam aos nossos ouvidos: «Ich liebe, lieb (!) Mutter», porque os imigrantes viveram em três gerações consecutivas onde se adormece a criança, contando histórias fantásticas da floresta negra, das névoas do mar do norte e contos do Reno, onde só lêem livros alemães e mostram quadros referentes à pátria mãe, para acender o entusiasmo jovem. Ensinam a admirar Bismarck e Moltke, e sorriem quando se fala de José Bonifácio — não se refere ao Burgomestre de Blumenau, mas ao ministro do Imperador Dom Pedro I — de Caxias, Osório e Floriano. Com uma palavra só, o áspero idioma alemão, não deve ser eliminado só das escolas, mas também nos lares e todas as lembranças da pátria mãe devem ser destruídas. Este é o ideal dos nativistas!»

Na terceira publicação do «Der Urwaldsbote» e que acreditamos seja o final do extenso artigo escrito por Eugen Fouquet, notam-se brandura e explicações, porém, não mais os ataques. «Não só o perigo alemão, mas também o italiano lhe rouba o sono», referindo-se às palavras de Barbosa Lima. «Perigosamente ele prevê o espectro da desnacionalização; já antevê, no Congresso Nacional, «Rio de Janeiro será a cidade dos estrangeiros» meio Roma, meio Berlim. O estrangeiro tomaria o poder...» Tece Fouquet críticas sobre o governo republicano, perguntando se cabe

culpa aos estrangeiros por fraudes eleitorais, corrupção política ou, até mesmo, pela crise econômica, afirmando: «da qual eles são justamente os mais atingidos», referindo-se aos estrangeiros.

Em outro trecho, Eugen Fouquet declara: «da ambição natural dos imigrantes, em conservar seu idioma e costumes, não surge nenhum perigo para a conservação da União, tão pouco da exigência em destacar na prática seus direitos garantidos constitucionalmente». E, brandamente, continua o articulista expondo os seus pontos de vista, quase como que aconselhando: «se dedicar seriamente às questões vitais do povo brasileiro, reformar a administração basicamente, promover a colonização e fazer com consciência prática política econômica: isto é realmente patriotismo».

Em que pese toda a polêmica jornalística, quando da campanha política, o «Volkspartei» elegeu o novo Superintendente Municipal, Alwin Franz Schrader, que por mais duas vezes se reelegeu. Todavia, as seqüelas dos desentendimentos anteriores iriam criar novos e violentos atritos raciais futuros. E a ação nacionalista aumentou mesmo depois dos ânimos políticos serenarem.

Quase em meados do ano de 1906 a «Questão Racial» volta a ser levantada, só que agora a nível nacional. O jornal «Gazeta de Notícias», em sua edição de maio de 1906, publica uma carta assinada por um conhecido escritor brasileiro, e endereçada ao Presidente da República, senhor Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, assim redigida:

«Escrevi acima que V. Excia. depois da visita feita ao Paraná e nos Pampas, deveria verificar o

«perigo alemão» em Santa Catarina, principalmente em Blumenau. O verdadeiro «perigo alemão», para os que entendem, a língua é a essência e a forma de nacionalidade e não aqueles que deixam o Brasil fraco e pobre, para conhecer o mundo. Foi isto, que demonstrou um telegrama chegado ao «Jornal do Comércio».

No relatório do Superintendente de Blumenau encontramos a seguinte referência ao sistema escolar no município. Nas 112 escolas, o ensino de línguas é o seguinte: português em 4 escolas, português e alemão em 4 escolas, polonês e alemão em 4 escolas, italiano e alemão em 1 escola, italiano em 17 escolas e alemão em 81 escolas. Não é possível imaginar quadro mais desolador. Enquanto em 81 escolas o alemão é ensinado e o italiano em 17, só existem 4 escolas nas quais se ensina português.

Creio, senhor Dr. Afonso Pena, que desta forma e não de outra maneira, um povo perde sua honra, independência e nacionalidade. O sistema escolar público, infelizmente, foi entregue ao governo estadual com exceção do Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pará, todos os Estados por razões econômicas começam a fechar escolas e dispensar professores».

Antes de prosseguirmos com a carta tornada pública pelo jornal «Gazeta de Notícias», cabe mencionar um detalhe indispensável para a melhor compreensão da crítica sendo feita pelo renomado escritor brasileiro. Dito detalhe está relacionado ao programa de governo do Superintendente Alwin Franz Schrader, estando a esse tempo (1906) a encerrar o seu primeiro mandato, num total de três.

Como parte importante da

«Era Schrader», como denominaram os historiadores os doze anos em que Alwin Schrader foi Superintendente Municipal de Blumenau, destaca-se o pensamento da administração blumenauense de «passar todas as escolas particulares para a administração do Município». Para tanto Alwin Franz Schrader solicitou uma pesquisa sobre esse assunto, chegando à conclusão de existirem no grande Município de Blumenau, daqueles tempos, «ao todo 112 escolas com 3.972 alunos...» Em seu relatório anual, enfocando o ano de 1905, Alwin Schrader menciona: «ensina-se língua vernácula em 73 escolas (66%). Tomando em consideração o número de alunos, resulta que dos 3.972 alunos que freqüentam escolas no Município de Blumenau, 2.866, ou 72%, recebem ensino da língua vernácula. Somente faltam professores e livros aptos».

Na seqüência fala o Superintendente sobre os custos com o ensino. «Pode ver-se, pelas notas estatísticas referidas, as quantias que anualmente são empregadas pelos particulares para a manutenção das referidas. Com os ordenados dos professores despendem-se anualmente cerca de Rs. 52:000\$000, devendo a isso aduzir-se as importâncias para a conservação das casas de escola e moradia dos professores, como também para aquisição de material, etc., parte esta que também pode ser avaliada em alguns contos de réis, por tudo cerca de Rs. 60:000\$000».

E agora, o grande problema apontado por Schrader: «essa quantia, porém, não seria suficien-

te, se o município tivesse de tomar as escolas sob sua própria administração. Em tal caso deveríamos estabelecer uma verba de Rs. . . 70:000\$000. E mesmo tomando a nosso cargo somente uma parte dos compromissos escolares, não o poderíamos fazer sem aumentar os impostos muito sensivelmente».

Apenas para justificar o aludido no parágrafo acima por Alwin Schrader, eis o que nos informa José Ferreira da Silva: «a receita do município ia a Cr\$ 94.099,90 apenas. Para se pôr em prática o projeto havia necessidade de uma verba anual, mínima, somente para a instrução pública, de Cr\$ 70.000,00». Isto importa dizer, então, estarem três quartas partes da arrecadação municipal comprometida com o ensino, em prejuízo de outras obras públicas inadiáveis. Por tal razão, não foi possível, naquela primeira análise, arcar a municipalidade com o ônus da educação.

E Schrader, então, concluiu as suas palavras escrevendo: «a presente estatística é uma prova saliente de quantos serviços já prestou a iniciativa particular em Blumenau no domínio da instrução. Sem a espontaneidade energética da população, a qual completamente abandonada pelo Estado e pelo município, por iniciativa própria, fez e faz ainda pesados sacrifícios, seria bem triste o estado da instrução da geração presente. Assim, pelo menos, foi providenciado o mais necessário, embora deixe ainda muito a desejar».

(Continua no próximo número)

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI)

Pe. Antônio Francisco Bohn.

Ano de 1940

Termo 1: Renovação das Provisões em favor do vigário e coadjutores, em 01.01.

Termo 2: Licença para a procissão de São Sebastião e festa, em 20.01.

Termo 3: Retiro da Congregação Mariana em Blumenau (sem data).

Termo 4: Romaria de devotos gasparenses ao Santuário de Angelina, em 02.02.

Termo 5: Celebração da Semana Santa em 1940.

Termo 6: Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 7: Comemoração na paróquia do Dia Mundial dos Congregados, em 12.05.

Termo 8: Renovação da consagração ao Sagrado Coração de Jesus pelo Apostolado, no mês de junho.

Termo 9: Profissão de fé católica do Sr. Edmundo, em 08.07.

Termo 10: Festa de Cristo Rei e 1a. Eucaristia de 198 crianças na matriz.

Termo 11: Dia das Missões e coleta nesta intenção, em 22.10.

Termo 12: Retiro espiritual em Blumenau, de 18 a 20.12.

Termo 13: Surto de febre amarela e tifo em Gaspar. Triste Natal de 1940.

Termo 14: Missa de Ação de Graças, em 31.12.

Termo 15: Movimento religioso de 1940: Batizados (352), confissões (28.855), comunhões (34.845). 1as. comunhões (206) casamentos (71), visitas aos doentes (128), enterros (91).

Ano de 1941

Termo 1: Agravamento da situação de doenças em Gaspar.

Termo 2: Provisões e diversas faculdades em favor do vigário e coadjutores. Provisões em favor dos fabriqueiros da matriz, e capelas, em 01.01.

Termo 3: Falecimento do coadjutor da paróquia Fr. Osmundo em virtude da febre tifóide, em 10.01.

Termo 4: Nomeação de Fr. Jacinto Bensing como novo coadjutor, em 15.02.

Termo 5: Quaresma e Semana Santa de 1941, como de costume.

Termo 6: Retorno do vigário à paróquia, após sua enfermidade, em abril.

Termo 7: Assassinato do Sr. João Zimmermann em sua propriedade, em fevereiro.

Termo 8: Concentração Mariana em Joinville, em maio.

Termo 9: Festas do Sagrado Coração de Jesus e de São Pedro, em junho.

Termo 10: Termo da Visita Pastoral de D. Pio de Freitas à paróquia de Gaspar, de 24 a 30.08.

Termo 11: Agradecimento do vigário pela Visita Pastoral. Idéias sobre a possibilidade da construção de uma nova matriz ou ampliação da atual (sem data).

Termo 12: Dia das Missões e coleta nesta intenção, em 22.10.

Termo 13: Festa de Cristo Rei e 1a. Comunhão na matriz.

Termo 14: Movimento religioso de 1941: Batizados (335), casamentos (68), confissões (29.030), comunhões (35.269), dispensas matrimoniais (4).

UM MEMORÁVEL CENTENÁRIO

Toni Vidal Jochem.

Dia 10 de julho de 1991, Teresópolis, uma pequena localidade no município de Aguas Mornas — SC, amanheceu em festa; era a Celebração do Centenário da vinda dos quatro primeiros restauradores franciscanos da Província de Santa Cruz, da Alemanha, para o Brasil. Eram eles Frei Amando, Frei Xisto, Frei Humberto e Frei Maurício que chegaram em 1891 a Teresópolis.

Fizeram-se presentes: O Governo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, os Provinciais das Províncias Franciscanas de Saxônia e Colônia, ambas na Alemanha, o Delegado do Ministro Geral da Ordem Franciscana, o Bispo Emérito de Florianópolis Dom Afonso Niehues, o Bispo de Santarém — PA Dom Lino Vomboemmel (que é filho de Teresópolis), Pe. Vito Schlickmann representando o Sr. Arcebispo Metropolitano de Florianópolis Dom Eusébio Oscar Scheid, o Pastor da Comunidade Evangélica, o Prefeito Municipal de Aguas Mornas Sr. Elmar Antônio Thiesen, além de inúmeras Religiosas de diversas Congregações, Franciscanos de toda a Província, Membros do Clero da Arquidiocese, a Comunidade de Teresópolis, para um culto de Ação de Graças a Deus pela grata memória de um Centenário. As solenidades alusivas ao 1º. Centenário da chegada dos Franciscanos tiveram início com o descerramento de uma placa comemorativa e com a inauguração de um monumento em frente da quase centenária Igreja de Teresópolis. Nesta oportunidade o Ministro Provincial, Frei Estêvão, disse que a “semente aqui lançada há 100 anos passados floresceu: hoje os franciscanos de nossa província estão espalhados por cinco Estados: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, somando quase 600 Frades”. Os Franciscanos ao longo desses 100 anos fundaram cinco Congregações Religiosas Femininas, entre elas a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus fundada por Frei Amando, Irmãs Catequistas Franciscanas fundada por Frei Policarpo, Irmãs Paroquiais de São Francisco fundada por Frei Ático, Irmãs Missionárias de Cristo Operário fundada por Frei Luis Maria Sartoli e Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Fátima fundada por Frei Crestes; além dessas Congregações também estavam presentes as Irmãs Franciscanas de São José, Irmãs da Divina Providência, Irmãs da Santíssima Trindade, Irmãs Escolares de Nossa Senhora e Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Após o descerramento da placa comemorativa, Frei Elzeário Schmitt, historiador da Província, falou das dificuldades enfrentadas pelos restauradores bem como o esforço heróico e incansável para atenderem os desassistidos espiritualmente. A Missa em Ação de Graças teve início às 10:00 horas, sob a presidência de Dom Lino. Uma multidão de fiéis acompanhava a Celebração Eucarística e com um brilho ímpar louvavam o Altíssimo. Dom Lino, na homilia, disse que “os missionários franciscanos tiveram uma fé “pé no chão”, e é desta fé que nós

precisamos; uma fé que move montanhas, uma fé ativa... diante de Deus nosso Pai devemos nos lembrar sempre desta fé, do Amor capaz de sacrifício e da firme esperança". No ofertório as 17 Comunidades onde os frades trabalhavam, bem como o próprio nome deles, a copa de um cálice e uma estola por eles usados e Pão e Vinho foram ofertados no altar do Senhor recordando um século de história. O céu se escurecera e a chuva parecia inevitável até que "a mui humilde, útil, preciosa e casta irmã água" fez-nos abandonar a celebração campal e transferi-la para o salão da Igreja.

Ao final da Celebração o Provincial Frei Estevão, presenteou os representantes das duas Províncias alemãs presentes com estátuas, ricamente trabalhadas, da Imaculada Conceição, bem como placas comemorativas de gratidão e reconhecimento. Em seguida foi lançado o livro "Therezópolis e uma utopia no Sul", livro histórico retratando minuciosamente os desafios enfrentados pelos quatro primeiros restauradores e a história do primeiro Convento e Paróquia franciscana da Província em Teresópolis. Dom Afonso Niehues congratulou a família franciscana dizendo que "os Franciscanos foram de fato os grandes Missionários de todo o Estado de Santa Catarina. Eles percorreram de norte a sul de leste ao oeste anunciando a Palavra de Deus, dando seu testemunho de desprendimento e enfim atendendo com toda a caridade os serviços necessários que o nosso povo tanto desejava e ainda tanto deseja em nossos dias". Após a Celebração, às 12:00 horas, foi servido um apetitoso churrasco, restaurando também as forças físicas.

Um século depois revivemos "a utopia Franciscana no Sul", revivendo o brio, a guerra, o apostolado e o franciscanismo dos quatro primeiros restauradores da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil. Por este século de intenso e heróico apostolado, de graças, de flores e de frutos fazemos nossas as palavras de São Francisco de Assis: "Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, Teus são o louvor, a honra e toda a Benção".

PIONEIROS DO RADIOAMADORISMO EM BLUMENAU

Ainda me lembro bem do dia 4 de outubro de 1947. Chegou o Transmissor! A licença de radioamador que meu pai havia recebido no mês anterior poderia agora ser usada. O transmissor foi instalado pelo seu construtor, Octávio Rosa, radioamador de Joinville. Chegou em seu carro azul lotado com todos os equipamentos e até mesmo com a antena. Trabalharam o dia inteiro e lá pelo fim da

tarde foram feitos os primeiros **comunicados**, confirmando que tudo estava em ordem. Blumenau voltava a ter seu radioamador, Luiz Medeiros, meu pai, com o prefixo PY5QB.

O mesmo prefixo havia sido usado anos antes por meu tio João Medeiros Júnior (depois de seu primeiro indicativo BZ1BL, que ele mesmo se havia concedido em 1925), pioneiro do rádio em Santa

Catarina e criador da PRC-4, **Rádio Clube de Blumenau**, uma das primeiras emissoras de rádio-difusão do Brasil. Como radioamadores, ele e José Ferreira de Barros, oficial médico da 9ª Cia. de Metralhadoras Pesadas, transmitiram por muitos anos as ondas de Blumenau para o mundo, atividade interrompida pela mudança de ambos para outras cidades e pelo estado de guerra decretado em 1942, que paralisou a operação de todos os radioamadores do País.

O radioamadorismo é basicamente um **hobby**. Tem como finalidade o aprimoramento das técnicas de rádio-comunicações, o contato entre pessoas e seu conagração, podendo efetuar comunicações de caráter pessoal, desde que não faça concorrência com os sistemas públicos de telecomunicações.

Mas o que eram os sistemas públicos de telecomunicações no Brasil por volta de 1950? Ligações interurbanas eram extremamente precárias. De Blumenau podia-se telefonar para uma boa parte dos municípios do Estado pela **Companhia Telephonica Catharinense**, mas sempre via telefonista, e com espera de várias horas. Joinville estava fora do alcance, pois era servida por outra concessionária... Chamadas para fora do Estado, nem pensar! A única alternativa era o telégrafo pelo cabo submarino da **Western Telegraph**, companhia inglesa que ligava Florianópolis com outros pontos do litoral brasileiro. O telégrafo oficial do DCT — Departamento de Correios e Telégrafos — era extremamente precário. Lembrome de um quadro negro, ao fundo da antiga agência no começo da Alameda Rio Branco, lado direito de quem entrava, no alto, perto das caixas postais, supostamente feito

para informar a condição das linhas telegráficas, onde por anos a fio havia uma mensagem escrita a giz: **São Paulo interrompido**. E com a linha para São Paulo interrompida, não havia comunicação com qualquer ponto mais ao norte, inclusive com o Rio de Janeiro, então Capital Federal. Só sobravam os contatos pelos radioamadores.

No início foram apenas contatos por rádio-telegrafia. A fonia apareceu no radioamadorismo bem mais tarde. Lembro de histórias contadas por meu tio João, do tempo em que ele morava em Blumenau. Um belo dia apareceu em sua casa da Rua Quinze um inglês, recomendado não se sabe mais por quem, com necessidade de passar uma mensagem urgente para um parente na Rodésia (atual Zimbábue). Algum tempo de sintonia ao rádio trouxe um contato com o Cairo, onde um colega se prontificou a retransmitir a tal mensagem para outro radioamador de Salisbury, em horário mais conveniente. O inglês a tudo ouvia, descrente, sem nada entender. Saiu, agradecendo a boa vontade, sem no entanto tentar esconder seu desapontamento. Reapareceu, algumas semanas mais tarde, todo sorridente, trazendo uma lata de biscoitos ingleses como presente. A mensagem havia chegado ao destino naquele mesmo dia em que tinha sido transmitida... Outra vez, foi um contato mantido com o **Zeppelin** em 1935, em viagem que o faria passar por Blumenau no dia seguinte. Ao comunicar-se com o comandante da aeronave, este o informou da hora prevista para sobrevoar a cidade; meu tio combinou então colocar lençóis no quintal, para possibilitar a identificação de sua casa. No começo da manhã chegou o inusitado veículo, tran-

qüilamente, dando voltas sobre a cidade; grande número de pessoas acorreu às ruas, a maioria ainda vestindo pijamas, para ver o dirigível balançar seu enorme corpo várias vezes, em sinal de confirmação de que a casa havia sido localizada, e jogar, para o quintal, um pacote de jornais!

Com a estação de meu pai, Blumenau recuperou a faculdade de conversar pelo rádio com outras localidades, quase que sem limitação de distâncias. Casos de saúde, nascimentos, falecimentos, notícias rápidas depois de uma «arriscada» viagem de avião, tudo podia ser falado e ouvido pelo rádio. Famílias inteiras apareciam em nossa casa para **comunicados** com parentes no Rio ou em São Paulo, ou até mesmo para o exterior. Lembro-me pelo menos de contatos para mensagens pessoais para a Alemanha, Suíça, Estados Unidos e Líbano. Até namoros e consultas médicas pelo rádio foram intermediados pela estação PY5QB. Oficiais do exército, ao serem transferidos para o 23º. R.I., já chegavam a Blumenau com o nome e o endereço de Luiz Medeiros, para contatos pelo rádio com as famílias.

Houve até quem vislumbresse uma possibilidade de negócio, sugerindo o recebimento pelo rádio dos resultados diários do **jogo do bicho** no Rio de Janeiro! A ética falou mais alto, e este tipo de comunicação nunca foi feito.

A utilidade da estação era de tal forma reconhecida na cidade que até mesmo relegava-se a interferência provocada no som do vizinho **Cine Blumenau** (provavelmente por deficiência do equipamento do próprio cinema) quando de transmissões no horário dos filmes...

As conversas durante as ho-

ras de folga rapidamente formaram uma comunidade de amigos que muitas vezes se falavam todos os dias e nunca se conheciam pessoalmente. O Jojô, o brincalhão de Lages, o Abílio, simpático mentiroso de Joinville, o Lacombe, de Criciúma (cujo cartão de rádio trazia um emblema com foice e martelo, deixando clara sua simpatia política...), o Badermann, de Taquara, o Camerini, de Novo Hamburgo, o Juca, simpático fotógrafo de Itajaí, o Krieger, de Brusque e muitos outros cujos nomes já não lembro, eram vozes com presenças obrigatórias no rádio todas as noites.

Para tentar produzir e aprimorar relacionamentos pessoais, o radioamador Padre Wilson Schmidt, de Brusque (mais tarde bispo auxiliar do Rio de Janeiro e depois bispo de Chapecó) promoveu em 1955, com outros colegas, uma **convenção** de radioamadores de Santa Catarina naquela cidade, o que deu origem às **concentrações** anuais, reunindo operadores de Santa Catarina e Paraná (a 5ª região). Em outubro de 1958, a concentração foi realizada em Blumenau, com mais de 200 participantes, acompanhados de familiares, lotando todos os hotéis da cidade. Até jogo de futebol houve! Sem falar de jantar dançante no **Tabajara**. Estas reuniões foram as precursoras das **Bluradio** de hoje.

As atividades de Luiz Medeiros acabaram por gerar interesse de outros, a quem muito incentivou, e que algum tempo depois começaram a receber suas próprias licenças, fazendo surgir uma comunidade que nunca mais deixou de aumentar. Flávio Rosa, Wilson Santiago, Moacyr Segurado, (do **COMIND**), Osnildo Cerqueira Lima, Edgard Freygang, Pedro Tércio de Cambraia Salles (do Banco do

Brasil) e sua mulher Maria Rosentina, Manuel Nepomuceno Britto (mineiro do **Crédito Real**), João dos Santos (que certa vez cortou um cristal oscilador ao meio para fazer dois), Nildo Scussel, o casal Flaviano e Eunice Cardoso, João Buatim (libanês de origem e que usava dois relógios; um deles, presente pessoal de Camille Chamoun, Presidente do Líbano, marcando sempre a hora desse país), Jéder Reinert, Frei Valdemar do Amaral, meu tio Cássio Medeiros, minha mãe, Grete, (e eu mesmo) compuseram a comunidade nos anos 50. A maioria já não está mais em Blumenau, mas a semente

foi bem lançada. Luiz Medeiros foi o **pai de todos**.

Luiz mudou-se para a praia de Armação em 1968, onde está ativo no rádio ainda hoje, como PP5QB, embora já não haja demanda por serviços de comunicação para outros, pois o progresso encarregou-se de difundir o DDD telefônico.

Isto foi só o começo. Não posso continuar este relato, pois saí de Blumenau em 1959, para fixar-me no Rio. Deixo aqui o convite para outros **macanudos** registarem as atividades das últimas décadas.

Armando Luiz Medeiros

2a. ADENDA À FAMÍLIA ARZÃO

Antônio Roberto Nascimento

Impende acrescentar algumas informações aos bosquejos genealógicos à família ARZÃO, de que tratamos em Blumenau em Cadernos, Tomo XXXI, novembro e dezembro de 1990, nn. 11/12, pp. 254, e continuada em Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, janeiro de 1991, n. 1, pp. 23 e ss.

Antônio de Menezes Vanconcelos de Drummond, retificando partes da sua biografia publicada, em 1836, na «Biographie Universalle et Portative d'Contemporains», conforme publicação os Anais da Biblioteca Nacional, Vol. XIII, 2º. fascículo (v. Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, julho de 1967, nn. 9-10, itajaí, A Fundação e o Fundador, de J. Ferreira da Silva, e Blumenau em Cadernos, To-

mo VI, n. 4, As Terras do Itajaí Mirim e Vasconcellos de Drummond, 1963, por J. Ferreira da Silva, pp. 3 a 20), afirma que:

«Há mais de um século que um certo Aragão descobriu uma montanha que ele denominou de Taió, grande quantidade de prata, de que tirou alguns fragmentos para seu uso e outro para os mostrar ao governador da província, a fim de lhe dar as provas palpáveis da descoberta que vinha de fazer.

O governador remeteu essas amostras ao vice-rei no Rio de Janeiro que fez demorar por muito tempo a sua decisão. Por fim, ele resolveu que enquanto não recebesse resposta de Lisboa, o desgraçado Aragão seria se-

questrado em um cárcere, a fim de que não pudese abusar do que sabia, visto como não lhe pertencia o segredo e, sim, ao rei.

Muito tempo depois, o governo de Lisboa ordenou que Aragão fosse remetido para Portugal, a fim de lá fazer as suas declarações. Ao chegar a Lisboa o desgraçado foi de novo metido num cárcere sem que se o submetesse ao interrogatório para o qual lá fora levado. Morreu preso na miséria e moído de desgostos. Assim a pátria de Camões recompensa um colono honesto que teve a desfazer uma descoberta útil num país dominado então pela força a mais ignorante e a mais bárbara.»

Como assinalou J. Ferreira da Silva, esse descobridor das minas de prata não era um «Aragão», senão um «Arzão». Qual seria, porém, seu nome completo? Continuemos com a narrativa de Vasconcellos de Drummond:

«O rio Itajaí é muito aurífero. Quando eu morei em Santa Catarina, eu soube por um pobre lavrador da província de São Paulo que toda a região era abundante em ouro. Eu o contratei para fazer algumas tentativas. De princípio ele se negou com medo do governo, mas afinal concordou com o meu pedido depois que eu lhe afirmei que nenhum mal lhe poderia acontecer e que eu assumiria a responsabilidade pelo que viesse. Com efeito, o paulista partiu depois que eu lhe dei uma canoa, víveres para três dias, um fuzil, pólvora, balas, uma bateia, uma gamela feita por ele mesmo e uma pequena alavanca de fer-

ro. Ao cabo de três dias ele voltou, trazendo-me cinco onças de ouro em pó, as quais eu mandei ao governador para que o enviasse ao rei D. João VI, com os relatórios sobre o que se passara. Jamais, porém, recebeu-se resposta do ministro português.»

Vejamos, agora, o esclarecimento de J. Ferreira da Silva (Blumenau em Cadernos, Tomo VI, p. 14):

«Com elementos seguros, podemos adiantar que o paulista, que Drummond contratou para lhe ir buscar as cinco onças de ouro, não era outro senão Matias de Arzão, morador das proximidades do Itajaí-Mirim e que foi quem, provavelmente, forneceu as informações sobre o descobridor da prata do Taió.»

O descobridor da prata no Taió seria, pois, o avô de Mathias Dias de Arzão, segundo J. Ferreira da Silva, pois seu pai morrera em Itajaí, em 1974, com cerca de 90 anos (id. ib.). De feito, como já assinalamos no primeiro artigo sobre a descendência de Cornélio de Arzão em Santa Catarina (Blumenau em Cadernos, Tomo XXXI: 254), Mathias era natural de Paranaguá, então Província de São Paulo.

J. Ferreira da Silva informa, ainda (Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, pp. 157 e 159), que, em 1715, «a cinco léguas das Garoupas, em lugar inteiramente despovoado, minerava o Capitão Miguel Dias (provavelmente de Arzão), que ali vivera com sua mãe e irmãos. De lá se mudara, porém, para São Francisco, por se terem esgotado as pobríssimas faisqueiras

que explorava junto ao rio Taehi.»

Ora, o primeiro dessa família, João Dias de Arzão, recebera sua sesmaria nas proximidades da foz do Itajaí, por volta de 1658, ou talvez um pouco mais tarde, o que nos permite supor fosse ele o pai de Miguel Dias de Arzão, o sobredito capitão que lá morava com sua mãe e irmãos pouco depois, ou seja, em 1715.

Logo, o Arzão que morreu «na miséria e moído de desgostos» no cárcere de Lisboa só pode ter sido o primeiro, ou seja, João Dias de Arzão, o sesmeiro das proximidades do Rio Itajaí. É significativo seu filho Miguel lá morasse apenas com a mãe e os irmãos, a denotar a ausência do pai em tempo que ainda seria um homem válido, como também o era sua mãe, disposta a morar no sertão inculto com seus filhos quando já poderia recolher-se a casa de seus parentes paulistas.

A Fazenda dos Arzãos localizava-se, segundo J. Ferreira da Silva, «em frente à confluência do Itajaí-Mirim, chamado fundeadouro». Tanto isso parece ser correto que as terras requeridas por Silvestre de Borba Coelho, em 1814, estremavam, ao norte, com as da filha de Mathias Dias de Arzão (V. Blumenau em Cadernos, XXXII: 305). Verdade seja que Paulo José Miguel de Brito, em sua Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina, à página 34, dá a Fazenda do Arzão «diante do fundeadouro do porto, que era pequeno e pouco freqüentado».

Para quem estranhar a diferença de datas entre o estabelecimento de João Dias de Arzão, em 1658, na sesmaria do Itajaí, e a data em que seu filho lá morou,

em 1715, o Capitão Miguel de Dias de Arzão, com sua mãe e irmãos, ou seja, 58 anos entre um e outro evento, esclareça-se que a primeira data é discutível. A Câmara de São Francisco do Sul, por exemplo, dá como fundação oficial da Vila a data de 1669 (1796 — 127 anos), conforme documento existente na Biblioteca Nacional, publicado em Blumenau em Cadernos, Tomo XXVII, julho de 1986, n. 7, p. 194, o que reduz sensivelmente a distância de tempo entre o estabelecimento de pai e filho.

Fortes indícios por nós encontrados indicam que o marido de Susana Rodrigues de Arzão, a filha de Córnelio de Arzão e de Elvira Rodrigues, foi Pedro Dias Botelho, abonando a tese de Taunay, para quem João Dias de Arzão seria filho desse casal. Assim é que um Salvador Dias Botelho, talvez filho de Pedro Dias Botelho e irmão de João Dias de Arzão, surge numa petição de 25.01.1715, dirigida ao Governo, por Manoel Gonçalves de Aguiar (Cf. EVALDO PAULI. A Fundação de Florianópolis, 2ª. ed., 1987, p. 140, e HENRIQUE DA SILVA FONTES, A Irmandade do Senhor dos Passos, 1965, p. 41). Uma Maria Botelha foi casada com Francisco Martins Pereira, o primeiro vereador do Desterro, de onde era natural (ob. cit., p. 44). Em São Francisco do Sul, por outro lado, uma Ana Dias Botelho, casada com . . . (ilegível) Oliveira Camacho, teve a filha Maria de Oliveira Camacho, casada por seu turno, com Salvador Dias Bello, filho de Francisco Dias Bello e de Maria Manuel, consoante o batismo do filho Paulo, aos 29.6.1796 (Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. sª. da Graça). Também em São

Francisco do Sul, vamos encontrar um Manoel Dias Botelho, casada com Francisca de Lima, com quem teve o filho Mateus Dias Ribeiro, casado com Francisca Borges, morta aos 22.5.1814, com cerca de 50 anos, já viúva (Primeiro livro de óbitos da Matriz de Nossa Senhora da Graça), filha de Sebastião Martins e de Ana Dias, neta paterna de José Martins e de Maria das Neves, e materna de Miguel Dias (de Arzão?) e de Maria Tavares, consoante o batismo de Antônio, aos 22.9.1801, nascido aos sete de setembro daquele ano, tendo por padrinhos Antônio Martins e sua mulher Josefa Dias (Livro n. 5 de batismos cit.) A sobredita Maria Tavares faleceu em 1798, com cerca de 80 anos (Primeiro livro de óbitos cit.). Tudo parece indicar, pois, que João Dias de Arzão, o sesmeiro do Itajaí, fosse filho de Susana Rodrigues de Arzão e de Pedro Dias Botelho, conforme aventou Tannay. Sua mulher seria Maria Pedroso, irmã talvez daquela Margarida Pedrosa, casada com João Álvares, provavelmente na Laguna, onde nasceu o filho Martinho Álvares Pedroso, casado com Margarida Gonçalves Lamim, filha natural do Capitão João Gonçalves Lamim, natural do Rio de Janeiro (Cf. Henrique da Silva Fontes, ob. cit., p. 47). Essa Maria Pedroso seria mãe de Miguel Dias de Arzão e dos irmãos referidos. O que não se logra esclarecer é quem seria o avô de Mathias Dias de Arzão: Miguel, um de seus irmãos ou o próprio João Dias de Arzão, o sesmeiro do Itajaí?

João Dias de Arzão não poderia ser filho de Maria Henriques (v. Blumenau em Cadernos, Tomo I, n. 3, pp. 47 e ss.), segundo nos

parece, porque os desse apelido são descendentes do hispânico Diogo José Henriques, chegado a Santa Catarina em meado do século XVIII. Já o ser casado com Maria Pedroso tem sustentação, a nosso ver, porque encontramos muito desse apelido nos antigos registros eclesiásticos franciscanos. Assim é que, por exemplo, um Félix de Arrioles, morador na Ilha do Mel, foi casado com Margarida Pedroso, talvez em primeiro leito, com quem teve a filha Antônia Maria de Jesus, casada, por seu turno, com Miguel Antônio de Siqueira, filho de Manoel Antônio de Amorim e de Bárbara Dias, segundo o batismo do filho Francisco, aos 22.4.1796, sendo padrinhos Antônio Gomes Pereira, sacristão, e Maria Pedroso (Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul). Um Vitório Francisco Pedroso foi casado com Domingas Alves do Prado, com quem teve o filho Antônio Francisco, casado, de sua vez, com Maria dos Santos, filha de Francisco dos Santos e de Ana de Miranda, de acordo com o batismo do filho José, aos 22.2.1796 (id. ib.). Outro Francisco Pedroso foi casado com Micaela Rodrigues, com quem teve a filha Maria Francisca, casada, por seu turno, com Manoel Gonçalves de Azevedo, filho de Antônio Gonçalves de Azevedo e de Antônia da Silva, conforme batismo do filho José, aos cinco de março de 1797 (id. ib.). Uma Francisca Alves Pedroso foi casada com João Alves de Castilhos, natural de Paranaguá, morto em 1803, com cerca de 70 anos, já viúvo, com quem teve a filha Ana Alves Dias de Siqueira, casada, a seu tempo, com Manoel José de Oliveira, filho de Manoel Luiz, natural da Ilha Terceira, e de Mar-

garida da Conceição, natural da Ilha de São Miguel, segundo o batismo do filho José, aos 4.9.1797 (id. ib.). Assim, vê-se que há sustentação para a hipótese de João Dias de Arzão ter sido casado com Maria Pedroso. Essa versão, pelo menos, não destoa da tradição local.

Na então Capela de São João Batista de Itapocoróia, filial da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul, esses Pedrosos também estiveram sempre presentes. Assim foi que um Antônio Pedroso, casado com Sebastiana ... (ilegível), teve a filha Maria da Silva, casada, de sã vez, com Manoel Gonçalves da Luz, filho de Miguel Gonçalves e de Clara da Luz, consoante o batismo do filho Antônio, aos seis de janeiro de 1793 (1^o. livro de casamentos, batismos e óbitos da Penha). Uma Margarida Pedrosa, casada com Francisco Luiz, «moradores na Barra das Piçarras», faleceu aos 10.6.1792, com cerca de 30 anos (id. ib.).

Note-se, outrossim, que o cemitério do Rio Itajaí diferente do da Capela de São João Batista e da Barra Velha do Rio Itapocu, já existia de data antiga, desde, pelo menos, de 2.8.1791, quando foi sepultada Ana, inocente, filha de Pedro Romeiro e de Apolônia da Silva, «no cemitério de Tajahy», às margens de cujo rio moravam seus pais. Lá também foi enterrado, aos 16.10.1791 (id. ib.), Pedro da Silva Coutinho, «afogado no Rio de Tajahy, donde era morador», já viúvo de Maria da Conceição, casado com Maria Dias Cardoso, em segundo leito, com cerca de 50 anos. Esse cemitério, à cer-

ta, não estava situado muito longe da Fazenda do Arzão, como resulta óbvio, e lá, por sem dúvida, foram sepultados os primeiros descendentes de João Dias de Arzão.

M. E. de Azevedo Marques (Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos, e Noticiosos da Província de São Paulo, Tomo I, 1980, p. 206) registra que Cornélio de Arzão faleceu em 1638, deixando seis filhos:

1. — D. Maria de Arzão;
2. — Manuel Rodrigues de Arzão, casado com D. Maria de Azevedo;
3. — D. Ana Rodrigues de Arzão, casada com Belchior de Borba;
4. — D. Suzana Rodrigues de Arzão casada;
5. — Braz Rodrigues de Arzão, capitão-mor de Itu, falecido em 1680;
6. — Cornélio Rodrigues de Arzão, capitão-mor de Itu, casado com D. Catarina Gomes.

D. Elvira Rodrigues, a mulher de Cornélio de Arzão, natural de Flandres, era filha do Capitão Martin Fernandes Tenório, ou Martin Rodrigues Tenório de Aguilar, natural da Espanha (Cf. Francisco de Assis Carvalho Franco, Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, 1989, p. 21), e de Susana Rodrigues, viúva de Damião Simões. Vê-se, pois, que Susana Rodrigues de Arzão era neta de mesmo nome. Sua avó materna, porém, teve outra neta de mesmo nome: Susana Rodrigues, filha de Antônio Paes e de Ana da Cunha, casada com José Domin-

gues Pontes (Cf. Pedro Taques, Nobiliarquia Paulistana... , Tomo II, 1980, p. 27).

Susana Rodrigues de Arzão, quarta filha de seus pais, e Pedro Dias Botelho, como temos referido, teriam a seguinte descendência:

4.1. — Salvador Dias Botelho, morador na Ilha de Santa Catarina em 1715 (Cf. O. R. Cabral, Raízes Seculares de Santa Catarina, 1953, p. 9), muito provavelmente genitor dos Dias Botelhos acima referidos (v. supra);

4.2. — João Dias de Arzão, o sesmeiro do Rio de Itajaí.
João Dias de Arzão foi casado

com Maria Pedrosa e, segundo nossa hipótese, teve os seguintes filhos:

4.2.1. — Capitão Miguel Dias de Arzão;

4.2.2 — Antônio Dias de Arzão;

4.2.3. — João Dias de Arzão Júnior.

Esse João Dias de Arzão Júnior teria sido o pai de Mathias Dias de Arzão, conforme a hipótese de J. Ferreira da Silva, que também podemos abonar, pois só assim se encaixam as diversas informações mencionadas nesta agenda e nos trabalhos anteriores.

Mais dois livros no prélo da nossa gráfica

Apesar de algumas dificuldades de mão de obra (hoje, ninguém mais quer aprender a arte gráfica), continuamos no nosso esforço de colaborar com os autores blumenauenses e da região, possibilitando-lhes, a preços módicos, a impressão de seus livros. Assim é que, após havermos entregue o livro "Missão Cumprida", uma autobiografia do autor — Alfred Luiz Baumgarten — estaremos entregando, dentro de no máximo vinte dias, o livro de José Endoença Martins, intitulado — "Traseiro de Brasileiro" — poemas. E, dentro de, no máximo, 45 dias, ou seja, em fins de abril, estaremos concluindo a edição do livro de Edltraud Zimmermann, no qual a autora procura resguardar a memória histórica de Indaial, suas indústrias, seu desenvolvimento, a cultura de sua gente, o ensino, as administrações públicas através dos anos, etc... Edltraud destaca, ainda, em sua obra, as belezas de sua cidade, suas flores, seus costumes.

Além destas obras que estão sendo entregues, esperamos imprimir, ainda neste semestre, um novo livro de João Hugo de Moura, poemas, e mais uma obra do consagrado autor Enéas Athanázio e outra do aplaudido poeta Martinho Bruning.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank
Graf — Hans Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA